



O Lolla é pop!

A 13ª edição do **Lollapalooza Brasil** tem início **nesta sexta (20)** em São Paulo em versão **menos roqueira** que nos anos anteriores. **Sabrina Carpenter (foto)** é uma das principais atrações. Pág. 2

Música para todos os gostos

Com 72 atrações, sendo 33 internacionais, o Lollapalooza Brasil aposta na mistura de gêneros musicais em sua 13ª edição



Chappell Roan, Tyler, the Creator e Lorde estão entre os headliners

PEDRO SOBREIRO

A 13ª edição do Lollapalooza Brasil tem início nesta sexta-feira (20), no Autódromo de Interlagos (SP), em uma das edições mais pops de sua história. Até domingo (22), o Lolla brilhará com nomes como Sabrina Carpenter, Chappell Roan e Lorde, apostando em artistas que dominam as paradas nos quatro cantos do mundo. Mas também há nomes consagrados de diferentes estilos, como Marina, ícone do Indie; Skrillex, referência da música eletrônica mundial; e Tyler, The Creator, um dos maiores nomes do rap americano na última década. Ao longo do fim de semana, os fãs poderão curtir essa mistura de estilos em um festival que promete agitar São Paulo em três dias de muita música.

Desde sua chegada ao Brasil, em 2012, o festival se notabilizou por promover encontros de artistas em crescimento com nomes consagrados da música. Gente de todas as partes do planeta se apresenta no festival, mostrando que a música atravessa barreiras, sendo capaz de unir as pessoas. Foi com essa proposta humana e ousada que o Lollapalooza se consolidou de forma instantânea no Brasil. Gente que ia para ouvir a atração principal da

noite acabava ouvindo bandas que nunca passaram perto de seus fones de ouvido e acabava conhecendo novos artistas, novos estilos.

Em 2026, apesar dessa dominância do Pop, essa proposta de mistura não será diferente. A organização do evento dividiu as atrações em quatro palcos diferentes: Palco Budweiser [principal], Palco Samsung Galaxy, Palco Flying Fish e Palco Perry's by Fiat.

Dentre as atrações, o RIIZE en-

tra para a história do Lollapalooza Brasil como o primeiro grupo de K-Pop a se apresentar no festival. Eles fazem o show no sábado (21), no Palco Flying Fish. O dia será extremamente movimentado, porque também contará com apresentação de Marina Diamandis, consagrada sob o nome Marina and the Diamonds; o escocês Lewis Capaldi, que vem de uma pausa de dois anos na carreira, após encantar o mundo com seu blue-eyed soul; e a grande atração da noite, a americana Chappell Roan, que resgatou o synth-pop de forma avassaladora nos últimos dois anos. E isso é só no palco principal. O sábado ainda tem nomes como Skrillex e N.I.N.A. nos demais palcos.

A sexta não fica muito atrás, já que traz a grande diva pop do momento, Sabrina Carpenter, e a promissora DoeChii no palco principal, que também terá show de Negra Li, enquanto os outros palcos trazem nomes como Interpol, Kygo e os gê-



Adriano Vizoni/Folhapress

O MAPA DO Lolla



Divulgação

O QUE LEVAR?

Por ser um festival realizado no Autódromo de Interlagos, que é descampado, a organização do evento recomenda levar itens de proteção contra o sol, como protetor solar, bonés ou chapéus, e óculos escuros. E como os portões abrem às 11h e as últimas atrações terminam por volta da meia noite, é permitido levar cangas e toalhas para sentar. Câmeras portáteis também são permitidas, mas não podem ter a objetiva destacável.

Quanto a hidratação, o festival permite a entrada de garrafas descartáveis de até 500 ml, sem tampa. Serão disponibilizados pontos de hidratação para enchê-las pelo autódromo. Para comer, é permitida a entrada de alimentos industrializados fechados, como biscoitos e salgadinhos, assim como sanduíches e frutas previamente cortadas, embalados em plástico 'zip lock'.

É estritamente proibido, porém, levar garrafas e recipientes de vidro ou metal - o que inclui o famoso copo stanley -, assim como paus de selfie, drones, cadeiras de praia, armas e objetos perfurocortantes. Se forem localizados durante a revista, serão descartados imediatamente.

Vale destacar que a prioridade no figurino deve ser o conforto. O público vai andar bastante e pode chover ao fim do dia, o que costuma causar um lamaçal. Então, o ideal é priorizar roupas leves e calçados confortáveis, como tênis de academia.

COMO CHEGAR?

O entorno do autódromo estará com circulação especial para automóveis, então a recomendação é ir de transporte coletivo. A CPTM vai operar 24h por dia durante o festival. Para facilitar o acesso, a Estação Autódromo foi atualizada e aceitará o pagamento com cartão de crédito por aproximação diretamente na catraca. Mas é recomendado já comprar suas passagens antes de chegar à estação.

nios do metal alternativo, Deftones.

Por fim, o domingo (22) aposta em uma programação mais diversa, tendo o rap como carro chefe. Tyler, The Creator dominará o palco principal, enquanto o genial FBC, rapper nacional de destaque, se apresentará no Palco Flying Fish. O Palco Budweiser conta ainda com um show de Djo, persona musical do ator Joe Keery (Stranger Things), cujo principal hit, "End of Beginning", registrou mais de 2 bilhões de

streams no Spotify em 2025. O pop também terá vez no encerramento da edição 2026, com a promissora Addison Rae e a neozelandesa Lorde, ambas no Palco Samsung Galaxy. O grupo feminino KATSEYE, formado por mulheres de diferentes partes do mundo, fechará o Palco Flying Fish.

No total, serão 72 atrações, sendo que 17 delas farão sua primeira apresentação no Brasil, já entrando para a história do Lollapalooza.

Uma celebração à fase de ouro do Genesis



Divulgação

Acompanhado da banda argentina Genetics, Steve Hackett se apresenta no Vivo Rio tocando os grandes sucessos da banda britânica, que integrou até 1977, e temas de sua produtiva carreira solo

AFFONSO NUNES

Steve Hackett, o lendário guitarrista britânico, chega ao Rio neste sábado (21) para uma apresentação que vai pegar os fãs do rock progressivo (sim, nós existimos!) pela emoção. Aos 78 anos, o músico segue em ativi-



Reprodução

de criativa e performática, trazendo ao Vivo Rio um repertório que percorre cinco décadas de sua carreira — desde os anos dourados do Genesis até seus trabalhos mais recentes como artista solo. Hackett terá a companhia da banda argentina Genetics, especializada em recriar a sonoridade dos primeiros álbuns da formação clássica da banda inglesa.

Hackett é amplamente reconhecido como um dos maiores guitarristas do rock. Sua contribuição ao Genesis entre 1971 e 1977 definiu o som de uma era. Durante esse

período, a banda lançou sete álbuns de estúdio — “Trespass”, “Nursery Cryme”, “Foxtrot”, “Selling England by the Pound”, “The Lamb Lies Down on Broadway”, “A Trick of the Tail” e “Wind & Wuthering” — além do aclamado álbum ao vivo “Seconds Out”, de 1977. Naquela formação clássica, ao lado de Peter Gabriel (vocal), Tony Banks (teclados), Mike Rutherford (baixo e guitarras) e Phil Collins (bateria), Hackett criou alguns dos solos mais memoráveis do rock progressivo.

Suas contribuições em faixas

como “Firth of Fifth” e “Fountain of Salmacis” são exemplos de sua maestria técnica e sensibilidade musical. O guitarrista também explorou texturas acústicas sofisticadas em “Horizons” e “Blood on the Rooftops”, demonstrando uma versatilidade que poucos músicos possuem.

Após deixar o Genesis, Hackett desenvolveu uma carreira solo igualmente prolífica e respeitada. Sem Hackett e outros membros da formação original, o Genesis passou a ser um trio formado por Collins, Rutherford e Banks que abraçou a

sonoridade pop de forma radical, enfurecendo seus fãs mais puristas, mas alcançando públicos imensamente maiores.

O guitarrista lançou mais de 30 álbuns, explorando influências que vão do jazz à música clássica, do blues à world music. Seu trabalho “Genesis Revisited II” (2012) é particularmente notável: convidou artistas como Brian May, do Queen, e outros músicos renomados para reinterpretar canções do Genesis, criando uma ponte entre gerações de fãs. Seus discos mais recentes, como “The Night Siren” (2015) e “At The Edge Of Light” (2017), alcançaram posições altas nas paradas do Reino Unido e de vários países europeus, comprovando que sua criatividade permanece intacta.

Hackett é também conhecido por inovações no jeito de se tocar guitarra como o tapping — técnica de percussão na guitarra que ele ajudou a popularizar —, que tornou-se um recurso fundamental entre os guitarristas de rock.

A Genetics é formada por músicos argentinos e consolidou-se como uma das principais intérpretes do repertório clássico do Genesis na América Latina. Entre 2011 e 2019, apresentou álbuns completos da banda em cinemas da Argentina, Brasil, Peru e Chile, com foco em recriar a atmosfera dos teatros londrinos dos anos 1970. O grupo é composto por Thomas Preço (voz principal, flauta), Léo Fernández (guitarras), Horácio Pozzo (teclados), Cláudio Lafalce (baixo) e Daniel Raws (bateria). A parceria entre Hackett e Genetics começou em 2015.

O repertório do show no Rio incluirá clássicos como “Supper’s Ready”, “The Cinema Show”, “Carpet Crawlers” e “Firth of Fifth”, além de seleções da carreira solo de Hackett. Cada música marca um momento diferente na evolução do Genesis e na própria trajetória do guitarrista. O Genesis foi eleito para o Rock and Roll Hall of Fame em 2010, consolidando seu legado como uma das bandas mais influentes do rock progressivo. A apresentação marca o retorno de Hackett ao Brasil após a turnê Genesis Revisited de 2023, quando também se apresentou com Genetics em diferentes cidades.

A turnê “The Best of Genesis – Latin American Tour 2026” passa ainda pelo Peru, Argentina, Chile, Paraguai e México, reforçando o papel de Hackett como embaixador da música do Genesis fora da Europa e dos Estados Unidos. Para muitos fãs brasileiros, trata-se de uma oportunidade rara de assistir a um dos maiores arquitetos do rock progressivo em sua forma mais autêntica.

SERVIÇO

STEVE HACKETT & GENETICS

Vivo Rio (Avenida Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 21/3, às 21h.
Ingressos a partir de R\$ 550 e R\$ 275 (meia)

O jazz francês com pitadas de Brasil

Camille Bertault celebra relação com a música brasileira em show no Manouche

AFFONSO NUNES

Expoente da nova geração de cantoras de jazz europeias, a francesa Camille Bertault traz ao Manouche nesta sexta-feira (20), às 21h, um repertório que percorre diferentes fases de sua discografia, combinando composições recentes com trabalhos dos álbuns “Pas de Géant” (2018), “Le Tigre” (2020) e “Bonjour Mon Amour” (2023). Isso sem esquecer de seu amor pela canção brasileira

Bertault possui formação sólida em música clássica. Premiada em piano no Conservatório de Nice, estudou também ópera, teatro e dança antes de aprofundar-se no jazz e na improvisação no Conservatoire de Paris. Seu canto é caracterizado pelo virtuosismo e pela liberdade rítmica.



Fluente em português, Camille Bertault nutre uma longa relação com artistas brasileiros

Sua relação com o Brasil é de longa data. Ao longo dos últimos 15 anos, a artista se apresentou ao lado de nomes como Ivan Lins, Ed Motta, Vanessa Moreno e Nelson Faria. Essa convivência criativa consolidou uma ponte entre o jazz europeu e a tradição brasileira, refletida tanto na escolha de repertório quanto na naturalidade com

que incorpora o idioma português às suas performances. Fluente em português, Bertault também desenvolve intensa atividade pedagógica no país, ministrando workshops e master classes sobre improvisação, técnica vocal e interpretação para diferentes níveis.

Essa relação ganhou forma concreta em 2022, quando Ber-

tault realizou gravações do projeto “Brazil Session” em abril e maio. O trabalho registrou encontros em áudio e vídeo com artistas centrais da canção e da música instrumental brasileira: João Bosco, Chico César, Guinga, Roberto Menescal, Hamilton de Holanda, Filó Machado, Trio Corrente, Mes- trinho, Gabriel Grossi e Cláudio

Dauelsberg. Essas colaborações resultaram no álbum “Voz e Vocês” (2025), que aprofunda o diálogo com o Brasil em composições próprias e releituras, reafirmando a admiração de Bertault pela sofisticação harmônica e rítmica da música brasileira. O trabalho é recheado de samba, bossa nova e choro.

No palco do Manouche, a cantora estará acompanhada pelos músicos Julien Alour (trompete), Misael Silvestre (piano), Cuca Teixeira (bateria) e Carlinhos Noronha (baixo). A apresentação conta ainda com participações especiais do pianista Claudio Dauelsberg e do cantor, compositor e violonista Matu Miranda.

Em 2023, Bertault venceu o prêmio Les Victoires du Jazz, reconhecimento que ampliou seu destaque internacional. A turnê brasileira de 2026 passa por oito cidades — São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador, Recife e Fortaleza — consolidando sua presença no circuito musical brasileiro.

SERVIÇO

CAMILLE BERTAULT

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo) 20/3, às 21h.

Ingressos: R\$ 220 e R\$ 110 (meia solidária, levando um quilo de alimento não perecível ou livro para doação ao Retiro dos Artsitas)

Abram a roda para Leo Russo

Cantor inaugura roda de samba no Méier

Quer um bom samba de raiz? É só chegar no Méier, onde Leo Russo abre neste sábado (21) um novo capítulo de sua carreira ao inaugurar a roda mensal “Samba do Leo Russo” no Bar Ferreirinha. O evento passa a acontecer todo terceiro sábado do mês às 17h, demarcando um território para celebrar a memória e identidade do gênero.

O Méier é onde a esposa de Leo nasceu e cresceu, onde começou a história do casal e, principalmente, onde nasceu João Nogueira, um de seus grandes ídolos. “É um lugar que

sempre me recebeu com carinho e que faz parte da minha vida. Levar o samba para lá é uma alegria enorme”, afirma o artista.

Nascido em 1989, Leo Russo foi revelado em 2011 ao vencer o concurso de novos talentos do Carioca da Gema. Apadrinhado artisticamente por Beth Carvalho e Rildo Hora, cresceu convivendo com mestres do gênero desde cedo. Seu álbum “Canto do Leo” (2017) rendeu indicação ao Prêmio da Música Brasileira como Melhor Cantor, concorrendo com Roberto Carlos.



Leo Russo foi apadrinhado por Beth Carvalho e Rildo Hora

Recentemente, lançou “A Gente Merece” (2024), reafirmando seu lugar como uma das vozes mais consistentes de sua geração.

Sua discografia inclui parcerias com referências do samba como Raimundo Fagner, Xande de Pilares, Monarco, Moacyr Luz e Noca da Portela. Agora, compõe com Mauro Diniz, filho de Monarco, reforçando esse elo entre gerações do samba. O repertório da roda percorre clássicos como “Retalhos de Cetim”, “Já É”, “Conselho”, “Temporal” e “Insensato Destino”, além de composições autorais como “A Voz de Roberto Ribeiro”, “Cosme e Damião” e “João do Méier” — música que escreveu em homenagem ao bairro e a João Nogueira. (A. N.)

SERVIÇO

SAMBA DO LEO RUSSO

Bar Ferreirinha (Rua Galdino, 61) | 21/3, a partir das 17h Ingressos: R\$ 15.

Imperialmente tremendões

Orquestra Imperial homenageia Erasmo Carlos no Circo Voador com releituras festivas

AFFONSO NUNES

A Orquestra Imperial desembarca no Circo Voador neste sábado (21) com “Erasmo Imperial” — uma homenagem ao compositor e cantor Erasmo Carlos, falecido em novembro de 2022, aos 81 anos, após uma vitoriosa carreira de mais de seis décadas.

Erasmo Carlos (1941-2022) foi um dos grandes nomes da MPB e do rock brasileiro. Construiu sua trajetória como compositor e intérprete ao lado de Roberto Carlos — seu “amigo e fã e irmão camarada”. Juntos, criaram sucessos desde a explosão da Jovem Guarda nos anos 1960. Sua obra não se limitou ao rock — compositor talentoso, Erasmo



Os músicos da Orquestra Imperial têm uma relação de carinho com Erasmo Carlos e sua vasta obra musical

dialogou artisticamente com a bossa nova, o samba rock e, principalmente, com a canção romântica.

O show foi criado a convite de Nelson Motta para o festival Doce Maravilha do ano passado e agora ganha vida própria no Circo Voador. A produção musical é assinada

por Berna Ceppas e Kassin, com arranjos de Felipe Pinaud. O elenco vocal reúne Moreno Veloso, Thalma de Freitas, Emanuelle Araujo, Matheus VK, Nina Becker e Rubinho Jacobina. Na seção de sopros, estão Marlon Sette e Bidu Cordeiro, além de Mauro Zacharias (trombone) e Diogo Gomes (trompete). A percussão é conduzida por Leo Monteiro (eletrônica), Leo Reis e Marcelo Callado (bateria). Uma big

band de respeito.

O repertório abre com um medley contagiante reunindo sucessos do compositor: “Festa de Arromba”, “Minha Fama de Mau”, “Vem Quente que eu Estou Fervendo” e “Eu Sou Terrível”. O show também reserva momentos românticos com “Sentado à Beira do Caminho”, “Além do Horizonte” e “Na Paz do seu Sorriso”, antes de explodir em hits como “Mesmo que Seja Eu”,

“Agora Ninguém Chora Mais” e “Se Você Pensa”. A definição do repertório reflete a amplitude da obra do Tremendão.

Kassin, produtor musical do show, é reconhecido por seu trabalho no disco “Gigante Gentil” (2014), tributo a Erasmo que venceu o Grammy Latino como Melhor Álbum de Rock Brasileiro. Sua trajetória com a Orquestra Imperial remonta aos primórdios da banda, quando ambos tocaram juntos no programa “Ensaio Geral” do Multishow. “Somos muito fãs do Erasmo. Desde então nossos caminhos nunca mais se separaram”, conta Kassin.

Berna Ceppas, também produtor do projeto, reforça a admiração coletiva: “Erasmo Carlos é um gigante rebelde e delicado que, com acordes e versos sinceros, atravessou gerações e moldou a MPB. Tocar com ele foi uma realização inesquecível e fazer essa homenagem no palco e no estúdio é mais que um sonho. Somos a Banda dos Contentes!”

Além do show, a Orquestra Imperial lança este ano um EP digital e compacto em vinil intitulado “Erasmo Imperial”, reunindo regravações de “Meu Ego” e “Coqueiro Verde”. Esta última já está em todas as plataformas digitais, apresentando o suingue que caracteriza a abordagem da big band às composições do homenageado.

SERVIÇO

ORQUESTRA IMPERIAL - ERASMO IMPERIAL

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

21/3, a partir das 20h (abertura dos portões). Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70,00 (meia)

Um encontro ruidoso

D.R.I. e Ratos de Porão encontram-se no Circo Voador em noite de crossover thrash

D.R.I. e Ratos de Porão dividem o palco do Circo Voador nesta sexta (20) em encontro que reúne duas instituições do crossover thrash mundial. A noite marca o retorno da banda texana ao Brasil após turnê recente pelo país, enquanto o RDP chega com seu histórico de 45 anos de atuação na cena hardcore brasileira.

O D.R.I. (Dirty Rotten Imbeciles) foi formado em 1982 e é considerado um dos pioneiros do crossover thrash — fusão entre punk hardcore e thrash metal. A formação atual mantém os membros originais Kurt Brecht (voz) e Spike Cassidy (guitarra), acom-

panhados pelo baixista Greg Orr, que tocou na lendária banda Attitude Adjustment, e pelo baterista Danny Walker.

A Ratos de Porão nasceu em 1981 e logo tornou-se referência da cena local com sua agressividade sonora e engajamento político. Seu último álbum, “Necropolítica” (2022), mantém a linha de crítica social que caracteriza a trajetória do grupo, abordando questões políticas brasileiras com a mesma ferocidade que marcou trabalhos anteriores. A banda segue com João Gordo nos vocais e o restante da formação que consolidou sua identidade sonora ao longo das décadas.



O D.R.I. é grupo pioneiro do crossover thrash

Minissaia abre a noite com proposta que dialoga com a cena hardcore mas sob perspectiva feminina. Formada por May Saturno (voz), Leh Detoni (guitarra), Isa Lien (baixo) e Carol Rodrigues (bateria), a banda surgiu da vontade de ampliar a presença de mulheres no palco da região Sul Fluminense. O grupo mescla elementos do DIY punk com temáticas femininas, criando som que combina intensidade e irreverência. Pavio, outra banda de destaque da cena hardcore nacional, completa a programação antes do show principal. Formada em 2018 no Rio por Marcelo Prol (voz), Pedro Vieira (guitarra), João Mugrabi (baixo) e Cynthia Tsai (bateria), Pavio mescla metal, hardcore e thrash em composições que abordam problemas sociais, racismo e preconceitos. (A. N.)

SERVIÇO

D.R.I. & RATOS DE PORÃO

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)

20/3, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 260 e R\$ 130 (meia)

Encontro marcado com o samba

Leila Pinheiro apresenta o show ‘Viva Meu Samba’ nesta sexta e sábado no Teatro Rival Petrobras

AFFONSO NUNES

Leila Pinheiro sobe ao palco do Teatro Rival Petrobras nos dias 20 e 21 de março para celebrar 45 anos de carreira. O show “Viva Meu Samba” marca um reencontro da cantora, compositora e pianista com o gênero que define sua trajetória.

Leila começou sua jornada no início dos anos 1980, quando abandonou a faculdade de Medicina para se dedicar integralmente à música. Seu primeiro álbum, lançado em 1983, contou com participações de nomes como Tom Jobim e João Donato, sinalizando

desde cedo seu lugar no cenário da MPB. O reconhecimento veio em 1985, quando venceu o prêmio de Cantora Revelação no Festival dos Festivais da TV Globo ao interpretar a canção “Verde”, de Eduardo Gudin e J.C Costa Neto. Desde então, construiu uma discografia de 24 álbuns e três DVDs.

Seu trabalho mais aclamado é “Benção, Bossa Nova” (1989), que se tornou disco de ouro tanto no Brasil quanto no Japão — indicativo de sua penetração internacional. Ao longo dos anos, Leila consolidou-se como uma das principais intérpretes da bossa nova contemporânea, mantendo viva uma tradição que poderia ter se perdido.



Leila retorna ao repertório de sambas com pérolas de João Bosco, Arlindo Cruz, Jorge Aragão e D. Ivone Lara, entre outros

Sua abordagem combina respeito à forma clássica do gênero com uma sensibilidade pessoal que a diferencia de outras vozes.

O repertório de “Viva Meu Samba” reúne composições de peso na história do samba. Estão presentes “Nação” (João Bosco e Aldir Blanc), “Tendência” (Dona Ivone Lara e Jorge Aragão), “Fogo de Saudade” (Sombrinha e Adilson Victor), “Trilha do Amor” (Xande de Pilares e Rogério Bernini), “O Que É o Amor” (Arlindo Cruz, Maurício e Fred Camacho) e “Enredo do Meu Samba” (Jorge Aragão e Dona Ivone Lara). A setlist inclui ainda uma composição inédita da própria Leila: “Minha Mangueira”, que aprofunda sua relação pessoal com o universo do samba.

A apresentação conta com banda formada por Hudson Santos (violão de 7 cordas), Diego Zangado (bateria), Leandro Pereira (cavaquinho), Julio Florindo (contrabaixo) e Luiz Augusto (percussão). A direção musical é assinada pela própria artista, enquanto Marcus Fernando — pesquisador de música, cineasta e produtor — assina a direção e o roteiro do espetáculo.

SERVIÇO

LEILA PINHEIRO - VIVA MEU SAMBA

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)
20 e 21/3, às 19h30
Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 200

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Autoralismo e releituras instrumentais

O grupo pernambucano Makamo é a atração desta sexta (20), às 19h, da série Sextas Instrumentais no Espaço Cultural BNDES. O quarteto foi criado em 2019 no Conservatório Pernambucano de Música com objetivo de fortalecer a presença feminina na cena instrumental. O repertório combina composições autorais e releituras de frevo, forró, choro e maracatu, com tradição e contemporaneidade.



Luara Olívia/Divulgação

Almoço regado a jazz no Sobrado da Cidade

O Sobrado da Cidade, no Centro, recebe no sábado (21) o projeto Jazz no Sobrado, das 13h30 às 16h30. A instrumentista Guta Menezes, na gaita e no trompete, lidera o quinteto formado por Vanessa Rodrigues, Adrian Barbet, Didac Tiago e Roberto Rutigliano. O repertório inclui clássicos como “Blusette”, de Toots Thielemans, e “Footprints”, de Wayne Shorter, com releituras da música brasileira e latina.



Divulgação

A hora e vez de uma roda suburbana

A turnê “Roda Dos Suburbanistas: 25 Anos De Subúrbio” apresenta-se no Sesc São João de Meriti nesta sexta (20), a partir das 17h. O projeto celebra duas décadas e meia de valorização do samba suburbano com composições que marcaram a formação cultural das periferias cariocas, contando com Gabrielzinho De Irajá como convidado especial e intérprete de Libras.



Michelle Beff/Divulgação

Um tributo para a inesquecível Amy Winehouse

Miranda Kassin apresenta “Tiny Amy”, tributo acústico à obra de Amy Winehouse, no Blue Note Rio nesta sexta (20), às 20h. O espetáculo reúne sucessos como “Rehab” e “Back to Black” com releituras de clássicos, acompanhado por violões e percussão brasileira. Miranda Kassin, que interpreta a artista britânica - uma sensação do jazz que nos deixou precocemente, em 2011 - desde 2008.



JR Duran/Divulgação

CRÍTICA TEATRO | O AUTO DA COMPADECIDA

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Releitura barroca

Na metade do século passado, o paraibano Ariano Suassuna (1927-2014) imortalizou-se através de sua obra mais famosa, rompendo fronteiras brasileiras, com montagens nos Estados Unidos e na Europa, difundindo nordestinidade, cultura popular em extrema crítica social. A peripécias de Chicó e João Grilo ganharam telas em 2000 pelas mãos do diretor Guel Arraes, numa cinematografia de sucesso. Um dos textos mais populares do teatro moderno brasileiro, a comédia comunica-se perfeitamente com os dias presentes.

É nesse contexto que o Grupo Maria Cutia, de Belo Horizonte, apresenta “Auto da Compadecida”, uma adaptação eloquente, adicionando novos gracejos no clássico com muita habilidade. O coletivo, que completa 20 anos, mistura palhaçaria, música, aproximando a narrativa do cenário político e social do Brasil contemporâneo.

Gabriel Vilela é sempre des-

lumbrante, tamanha a digital que o talentoso diretor impõe ao seu devaneio cênico. Valoriza o burlesco, investe em raízes circenses, amalgamando sua belíssima estética barroca, sem comprometer os arquétipos bem tramados pelo escritor. Carnavaliza a cena, inspira-se em universo brechtiano, determinando o jogo teatral.

O elenco é desigual, embora funcionem em conjunto. Destaca-se Polyana Horta, comediante de qualidade, numa composição jocosa, além das performances hilariantes de Leonardo Rocha, sábio na armação do seu João Grilo, e Mariana Arruda, que ilumina a cena na rapidez de seus improvisos. Hugo da Silva, em ótimo timing, deve cuidar da dicção. Há uma fragilidade em Dê Jota Torres, que compromete suas personagens. Marcelo Veronez e Thiago Queiroz não alcançam voos maiores.

Em perfeita adequação, carancas e pinturas de arte revelam a cenografia do próprio diretor, que instaura textura, permitindo a passagem da luz certa de Richard Zaira, com sombras



O Grupo Maria Cutia, de Minas Gerais, apresenta uma adaptação eloquente, adicionando gracejos ao clássico com habilidade

apropriadas. Numa paleta predominantemente terrosa, em contraste com cores mais vibrantes, marcando uma leitura mais celestial, os figurinos extraordinários do encenador, apresentam sobreposições e mistura de superfícies: brocados, linhos, rendas, bordados, franjas e aplicações. Em algumas peças percebe-se um processo de envelhecimento, num desgaste proposital, criando aparência de uso. Os chapéus e adornos reforçam o caráter cômico das personagens. A direção musical de Babaya, Fernando Muzzi e Hugo da Silva é caprichosa, estabelecendo uma unidade vocal da trupe, além de valorizar humor e poesia com músicas de Caetano Veloso, Maria Bethânia, Sergio Sampaio e Zeca Baleiro. Vale ressaltar a beleza visagística facial dos intérpretes.

No alto da sua mineiridade, o Grupo Maria Cutia, que trafega pelo teatro de rua, além de palcos tradicionais, resulta bem na condução de Gabriel Vilela, exibindo um espetáculo, esteticamente, repleto de teatralidade e que purifica a visão.

SERVIÇO

AUTO DA COMPADECIDA

Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana) Até 29/3, de quinta a sábado (20h) e domingos (18h) Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)

NA TRIBALTA

POR AFFONSO NUNES



A dor do envelhecimento

Fulvio Stefanini celebra 70 anos de carreira em grande estilo na montagem de “O Pai”, que encerra temporada neste domingo (22) no Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch. No espetáculo premiado, ele interpreta André, um idoso de 80 anos cuja memória começa a falhar, colocando sua filha diante de um dilema: cuidar dele ou interná-lo em um asilo. A peça, escrita pelo dramaturgo francês Florian Zeller, é considerada uma das mais importantes produções sobre o tema do envelhecimento e da demência.



Loucuras em Copacabana

A comédia ‘As Loucas de Copacabana’ encerra temporada no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema, neste sábado (21). O texto ágil do saudoso dramaturgo e roteirista Gugu Olimecha (1942-1994) retrata um triângulo amoroso ambientado em Copacabana nos anos 1990. O elenco conta com Narjara Turetta, Danton Lisboa, Guilherme DelRio, Rose Scalco e Andi Teixeira. A trama acompanha situações cômicas envolvendo traição, disfarces e mal-entendidos em um apartamento carioca.



Violência sexual

João Côrtes apresenta nova temporada de Eddy – Violência & Metamorfose no Teatro Carlos Gomes, até 20 de março. O espetáculo da Polifônica parte de um episódio real de violência sexual vivido pelo escritor francês Édouard Louis em Paris, no Natal de 2012. A montagem percorre três obras do autor — História da Violência, O Fim de Eddy e Mudar: Método — e discute violência de gênero, homofobia, xenofobia e dominação masculina, investigando as estruturas sociais que produzem e perpetuam a violência nas relações humanas.

SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

SHOW

BOÊMIOS DA RUA DO ROSÁRIO

✳O grupo comanda roda de choro que homenageia alguns dos maiores nomes do gênero, como Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo e Chiquinha Gonzaga no horário do almoço. Dom (22), às 13h30. Sobrado da Cidade (Rua do Rosário, 34 – Centro). Couvert artístico: R\$ 15

ZÉ RENATO

✳Cantor e compositor recebe Francis Hime, Mariana de Moares e Vidal Assis em show da temporada “Samba e Amor”, que celebra 50 anos de carreira. Ter (24), às 20h. Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

NOVA ORQUESTRA

✳O sexto toca, na íntegra, o aclamado álbum “Paranoid”, do Black Sabbath. Sucessos como “War Pigs”, “Iron Man”, entre outros, ganham versões orquestradas e inéditas. Sex (20), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

AGATHA BLUE

✳Cantora e compositora aprofundou sua pesquisa em ritmos regionais brasileiros e no forró, em especial. Neste novo show, ela assume o pandeiro e apresenta repertório majoritariamente autoral. Dom (22), às 20h. Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo). R\$ 35

DUODENO

✳Formado por Ricardo Machado, Fernando Guigon, Evandro Coutinho e Luiz Artur Juruena, o grupo apresenta versões para clássicos de Caetano Veloso e dos Mineiros do Clube da Esquina. Sex (20), às 19 e 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 70

TEATRO

DESFAZENDA - ME ENTERREM FORA DESSE LUGAR

✳Exercício de fricção entre passado e presente questiona o que mudou após o fim da escravidão. Até 22/4, qui a sáb (19h) e dom (18h). Sesc Tijuca (R. Conde de Bonfim, 770). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e gratuito (PCG)

A COISA

✳Numa sucessão de pesadelos lúcidos, a montagem opera numa realidade ligeiramente deslocada da nossa. Até 1/4, qua (20h). Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)



Leonardo Bonato/Divulgação

Mulher em Fuga



Alexander Landau/Divulgação

Zé Renato

SOMBRAS NO FINAL DA ESTRADA

✳Texto inédito de Luiz Carlos Góes, morto em 2014, ganha palco sob direção de Amir Haddad e atuação de Vannessa Gerbelli. Até 29/3, sex e sáb (20h) e dom (19h). Teatro Domingos Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

A SARÇA ARDENTE

✳Uma comédia sobre solidão, fé e uma planta que acredita ser Deus. Até 1/4, ter e qua (20h). Teatro Ziembinski (Av. Heitor Beltrão, s/nº - Tijuca). R\$ 40 e R\$ 20 (meia ou Lista Amiga)

KINTSUGI, 100 MEMÓRIAS

✳Espetáculo do Grupo Lume Teatro transforma memória, esquecimento e política em matéria cênica. Até 29/3, qua a sáb (19h) e dom (18h). Teatro III CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

EU SOU MINHA PRÓPRIA MULHER

✳Edwin Luisi dá vida a Charlotte von Mahlsdorf, mulher trans alemã que sobreviveu aos horrores do nazismo. Até 26/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)



Levi Meireles/Divulgação

Fera

A CUCA

✳Longe da bruxa das cantigas de ninar e da bruxa popularizada no Sítio do Pica-Pau Amarelo, a Cuca se revela entidade ancestral de culturas indígenas — guardiã da floresta e elo de transmissão de saber e memória. Até 29/3, qui a dom (19h). Teatro Futuros (Rua Dois de Dezembro, 63). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

TERESAS

✳A obra aborda a violência contra a mulher. Até 28/3, qua a sáb (19h). Teatro Gonzaguinha (R. Benedito Hipólito, 125, Centro). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

A.M.I.G.A.S

✳A amizade de três jovens, sua cumplicidade e parceria cria a Associação das Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo (A.M.I.G.A.S.). Até 28/4, seg e ter (20h). Teatro Vanucci (Rua Marques São Vicente, 52, 3º piso). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

MULHER EM FUGA

✳Malu Galli estrela primeira adaptação brasileira das obras de Édouard Louis sobre a trajetória de sua mãe. Até 26/4, qui e sex (19h) | sáb e dom (17h). Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Única produção com DNA brasileiro a sair laureada do Festival de Locarno em 2025, “O Rio de Janeiro Continua Lindo” de Felipe Casanova, um painel de 24 minutos de luto, renovação afetiva, confete, carioquice e fé nesta cidade tem um pouso assegurado por aqui na abertura do Curta Cinema. Uma das mais antigas (e prestigiadas) maratonas de poéticas do audiovisual em pílulas na América Latina, o evento chega à sua 35ª edição em 25 de março e segue até 1º de abril, 130 filmes de cineastas de todo o mundo.

O Estação NET Rio será o lar da programação, que tem entrada gratuita. A seleção deste ano reúne curtas de 33 países. A safra local vem de 15 estados distintos, com pérolas egressas de Roraima (“Ascensão da Cigarra”, de Ana Clara Ribeiro), de Goiás (“Canto”, de Danilo Daher Alvarenga), do Paraná (“Thayara”, de Mila Leão), de Pernambuco (“Os Ursos e Nós”, de Maria Acselrad). A lavoura carioca conta com um achado lá de Cannes: “Samba Infinito”, de Leonardo Martinelli. Gilberto Gil faz parte de seu elenco.

“A programação é bastante variada no que diz respeito aos temas abordados. A linha curatorial do festival privilegia o contraste e a multiplicidade, e a mostra competitiva reflete bem essa amplitude: ela vai do resgate de tradições indígenas, em ‘Maria Porongyta – O Aviso do Céu’, ao body horror urbano com humor tipicamente paulistano de ‘Urticária Incandescente’, explica o coordenador de programação do Curta Cinema Paulo Roberto Jr.

“Do ponto de vista formal, destaca-se uma clara tendência ao hibridismo. Muitos filmes transitam entre documentário, ficção, experimentalismo e animações multitécnicas, frequentemente combinando gêneros. Em alguns casos, esse cruzamento torna as obras difíceis de enquadrar em categorias convencionais, como ocorre em ‘Cabeça de Boi’ e ‘A Ascensão da Cigarra’. Essa tendência não é exclusiva da produção brasileira: trata-se de um movimento perceptível no curta-metragem contemporâneo em escala global.”

Segundo Paulo Roberto Jr, embora o Curta Cinema não seja um festival de cinema experimental stricto sensu, a seleção deste ano revela uma disposição maior ao risco estético do que se observava há cinco anos.

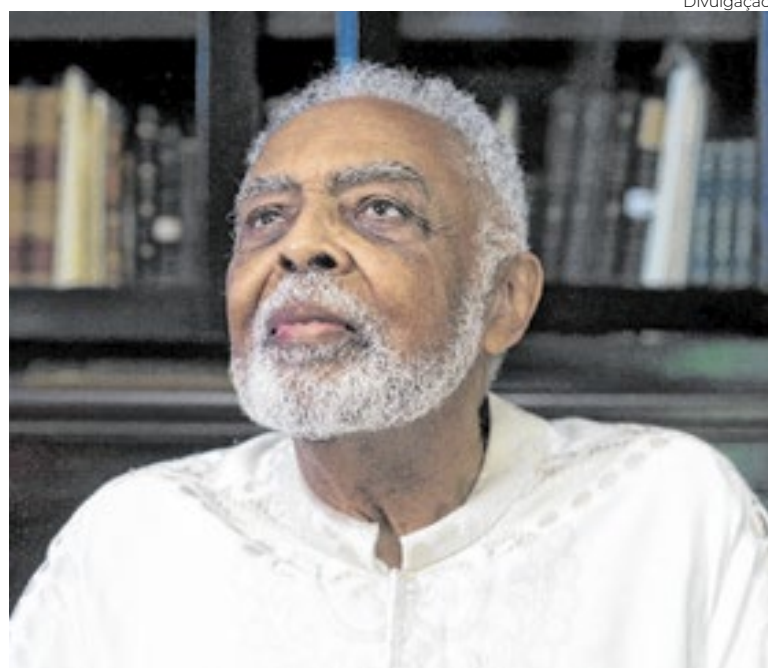
“Também é notável o crescimento da receptividade do público a propostas mais radicais. No ano passado, por exemplo, um dos filmes mais celebrados pela plateia — e vencedor do Grande Prêmio Internacional, ‘Green Gray Black Brown’ — apostava justamente em um experimentalismo bastante ousado e radical”, explica o cura-



La mar

Brasil em pílulas

Curta Cinema abre tela no dia 25, com 130 títulos de variados cantos do planeta e uma variada presença do Brasil em narrativas que misturam gêneros



Samba Infinito



Cabeça de Boi



O Rio de Janeiro Continua Lindo



Merrimundi

dor, cujo cardápio estranho tem México (“La Mar”, de Jean Chapiró Uziel), Cuba (“Los Peces no se Ahogan”, de Lea Vidotto Labastie),

Chile (“Merrimundi”, de Niles Atallah) e Colômbia (“Borrachos Mientras Escuchamos Las Gotas Caer”, de Santiago Gómez Ramírez) num

recorte de nuestros hermanos de Pangeia latina.

Pai, tutor, diretor e produtor do Curta Cinema, Ailton Franco

lemvra de que uando o festival foi criado ainda havia a produção de curtas em película, 35mm e 16mm, e eles estavam alcançando relevância e prêmios no cenário internacional e nacional de festivais de cinema, mas não tinham mais as telas das salas comerciais para sua exibição antes de longas estrangeiros.

“A Lei do Curta (dispositivo legal responsável pela projeção de produções de até 30’) foi extinta, mas a produção de filmes no formato continuava em alta. O cinema brasileiro sofreu um golpe na época e produzir curtas foi uma forma de manter viva a produção em cinema e deixar os profissionais atuando. O festival foi criado para que os filmes alcançassem o público, que já se familiarizava com curtas antes dos longas”, explica Ailton.

Em sua jornada em prol do curta, ele encontrou no Grupo Estação um grande parceiro de décadas.

“A programação das salas e seu público agrega muito valor, pois acreditamos que é o mesmo perfil do público do festival”, diz Ailton.

Entre as pepitas que o Curta Cinema garimpou, merecem realce ainda

“Vulto Sagrado”, de Daniel Caetano; “Boiuna”, de Adriana de Faria; o luso “A Emancipação de Mimi”, de Marcelo Pereira; e o libanês “Faux Bijoux”, de Jessy Moussallem.



Imagem do trailer de 'Homem-Aranha: Um Novo Dia', com lançamento confirmado para 30 de julho

Na **teia** do bilhão

Campanha de marketing mobilizadora do esperado 'Homem-Aranha: Um Novo Dia' pode espantar de vez o fantasma das baixas bilheteria que assombra os filmes de super-herói



A série 'Homem-Aranha', derivada de HQ homônima, chega à Amazon Prime em 27 de maio

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Na ponta do lápis, os oito longas-metragens sobre a luta de Peter Parker contra o crime, lançados de 2002 a 2021, renderam US\$ 7,8 bilhões, sendo que o mais recente, "Sem Volta para Casa", lançado em plena pandemia, contabiliza a maior receita, estimada em US\$ 1,9 bilhão. Não constam desta conta as aparições do Escalador de Paredes mais famoso das HQs em "Capi-

tão América: Guerra Civil" (2016) e no díptico de "Os Vingadores" de 2018 e 2019. Ficaram de fora também um par de animações com Parker, de 2018 e 2023, que assume Miles Morales como seu personagem central - as duas juntas renderam US\$ 1 bilhão. Diante de cifras desse calibre, não resta dúvida de que o esperado "Homem-Aranha: Um Novo Dia", agendado para 30 de julho, será um sopro de vida (leia-se faturamento alto) nos pulmões do circuito exibidor.

Não se nega, de forma alguma, a fase crepuscular que as narrativas de vigilantes mascarados oriundos

dos quadrinhos, enfrenta de 2023 até hoje, com uma queda violenta na renda de um filão encarado como infalível de 1998 até 2022. Mas o Aranha é o Aranha, em especial aquele que conta com Tom Holland sob o uniforme idealizado lá em 1962 pela editora Marvel, na gestão dos quadrinistas Stan Lee (1922-2018) e Steve Ditko (1927-2018). A potência de Holland nesse lugar se fez demarcar esta semana com a estreia do primeiro thriller de seu quarto longa como o teioso.

A Sony Pictures escalou Destin Daniel Cretton (de "Shang-Chi e a Lenda dos Dez Anéis")

para dirigir "Homem-Aranha: Um Novo Dia", que conta com roteiro da dupla Chris McKenna e Erik Sommers. É uma trama sobre processo de amadurecimento, num momento em que Peter, por conta de um deslize com as forças mágicas, causou um esquecimento generalizado, apagando a sua existência da mente de sua amada Mary Jane (Zendaya).

Os reclames publicitários iniciais do longa foram ançados de maneira inédita, com uma ação global de fãs que durou 24 horas. Atual Peter Parker, Holland liderou o lançamento, convidando um grupo seleto de fãs do Aranha de diferentes países para compartilhar histórias

personais no Instagram sobre o que o personagem significa para eles, antes de revelar um trecho exclusivo do trailer oficial. Cada participante marcava o próximo fã na sequência, incentivando o público a acompanhar o revezamento através dos fusos horários.

Enquanto isso, tientes da saga ao redor do mundo se uniam para celebrar "Um Novo Dia". No Brasil, o embaixador dessa ação foi o dublador Wirley Contaífer, voz oficial de Holland na versão brasileira do ator.

Seu Peter Parker, antenado aos conflitos existenciais da geração millennial, terá muita encrenca em "Um Novo Dia", começando por trombadas com Frank Castle, o Justiceiro, que traz o aclamado ator Jon Bernthal para os holofotes do cinemão Marvel. Entre os vilões, o incontrolável Escopião (encarnado por Michael Mando) e uma hora de espadachins com feições ninjas brotam na publicidade do filme como signos de perigo. Mark Ruffalo está em cena também como Bruce Banner, o Hulk.

Paralelamente à promoção global de "Um Novo Dia", a Prime Video da Amazon lança em 27 de maio a série "Spider-Noir" com o titã Nicolas Cage no papel do investigador da NY dos anos 1930 Ben Reilly, que, em seu passado, foi um vigilante mascarado. O projeto, dirigido por Harry Bradbeer, é derivado da HQ "Homem-Aranha Noir", de 2009 - criada por David Hine, Fabrice Sapolsky, Carmine Di Giandomenico e Marko Djurdjevic - já editada em português, via Panini.

ENTREVISTA | **PEDRO MORELLI**

CINEASTA

‘Lealdade é uma questão ética e é sempre material rico para dramaturgia’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

“Irmandade” nasceu pop e se fez cult. Tornou-se uma série de sucesso colossal na Netflix não apenas pelo empenho de um elenco em estado de graça (sobretudo Seu Jorge), mas por sua precisão na autópsia em corpo vivo da criminalidade nacional - que cresce na metástase do desamparo estatal. Ser leal é um dos componentes na cartilha de deveres da Comédia Humana localizada entre um presídio e seus arredores, com foco numa facção do crime que se espalha pela maior metrópole do país. Palavra de ordem entre as figuras retratadas com empatia de episódio em episódio, “lealdade” é a essência temática das narrativas rodadas pelo diretor paulistano Pedro Morelli, hoje com 39 anos.

O termo é onipresente em tudo que o realizador de “Zoom” (2015) tem esculpido do início dos anos 2010 até hoje, o que o levou a esse seriado. Agora, é ele quem assina a direção de um frenético derivado em forma de longa-metragem com base nessa épica criminal serializada. “Salve Geral: Irmandade”, produção da O2 recém-chegada ao streaming, já é tratada como um golaço de audiência. Pudera! Pedro (filho do também realizador Paulo Morelli, com quem rodou o rasga-corção “Entre Amigos”, em 2013) dirige sequências de tiroteio e perseguição com uma ventoinha cinemática e uma descarga de adrenalina que evocam “John Wick”. Em vez de Keanu Reeves, temos uma Naruna Costa com sangue no olho no papel da advogada Cristina, que precisa salvar a sobrinha, Elisa (Camila Damião), de uma turma fardada que, apesar de ter distintivo, age pela banda podre da Lei.

No papo a seguir, Morelli explica a construção de uma destreza na lida com a ação que já se fez notar em seu trabalho em “Cidade dos Homens” e “DNA do Crime”.

Em tempos pós-“Operação Invasão” (“The Raid”), pós-“John Wick”, franquias que reinventaram o uso da cinemática nas telas, tratando o movimento como balé, qual foi o caminho adotado em “Salve Geral: Irmandade” para criar tomadas de batalha realistas na ação? De que forma pesa aí a troca com Kaue Zilli?

Pedro Morelli - O projeto já nasceu com o objetivo de ter suas principais cenas filmadas em plano-sequência. Escrevi o roteiro pensando nisso. Acredito que o plano-sequência permite uma imersão do espectador muito mais profunda do que numa cena com cortes. Somos convidados a presenciar aquela cena, ocupando o espaço físico em que ela se passa. Filmes como “Athena” e “Children of Men” (“Filhos da Esperança”) são ótimos exemplos do uso de planos-sequência em cenas de ação, e

me inspiraram para buscar essa linguagem, pouco comum no Brasil. A parceria com o diretor de fotografia Kaue Zilli foi fundamental para esse projeto, pois toda cena era um desenho conjunto entre câmera e elenco, numa coreografia complexa.

Seu filme consegue ser um espetáculo plástico quase coreográfico do combate armado sem jamais perder o elã político com o debate sociológico do crime. Como é equacionar a natureza espetacular da ação com a matriz crítica do thriller social?

A série “Irmandade” sempre teve uma abordagem séria e densa sobre o universo social e político que retrata. O filme faz o mesmo, com mais ação, e com a coreografia do plano-sequência. Acredito que as duas coisas se somam e se complementam. Pois, por mais que as cenas de



Pepe Perdigão/Divulgação

“Acredito que o plano-sequência permite uma imersão do espectador muito mais profunda do que numa cena com cortes”

ação sejam coreografadas, elas são muito cruas e violentas. Bebendo da mesma fonte de densidade com a qual é retratada a situação social do país.

Você é um artesão que moda seu estilo ao que a dramaturgia pede, mas carrega um traço autoral temático na recorrente opção por tramas sobre lealdade. De que modo a advogada Cristina (Naruna Costa) espelha esse sentimento que rege o peito de quem é leal - uma condição perseguida por você em toda a sua obra, desde “Entre Nós”, lá em 2013?

Lealdade é uma questão ética e é sempre material rico para dramaturgia. É uma forma de colocar personagens em conflito de caráter. E o que deixa a coisa realmente interessante é quando damos visibilidade para diversos pontos de vista. É mostrar o gesto desleal sempre explorando o porquê daquilo, relativizando a motivação por trás daquele gesto, sem julgar o personagem, mas ambientando suas escolhas num universo moralmente complexo. Cristina é isso. Sempre colocada em meio a intensos dilemas morais, de diferentes âmbitos, ela personifica a dificuldade que qualquer pessoa teria para se situar no centro de um universo complexo de criminalidade.

O que o universo de “Irmandade” te ensinou sobre os códigos sociais de um Brasil de exclusões?

O crime organizado no Brasil cresceu de forma acelerada a partir do momento em que estabeleceu normas de conduta rígidas, regras claras do que é certo ou errado. O papel ausente do Estado deu espaço para as organizações criminosas crescerem dentro das prisões, abraçando os presos abandonados pelo Estado. O discurso da luta por justiça uniu os presos e só fez o movimento crescer, até o momento em que as organizações criminosas passam a ter força para enfrentar o mesmo Estado que permitiu que elas surgissem.

Que novos projetos você tem pelo caminho para o ano?

Em maio, estreia a série “Brasil70”, que retrata a campanha da Seleção Brasileira no Mundial de 1970. É um projeto de outra natureza do que a do “Salve Geral: Irmandade”, certamente. Muito mais leve e alto astral. Fala de um tema que levo como grande paixão: o futebol.

Nosso mito fundador ganha novas telas

‘Por Onde Anda Makunaíma?’, de Rodrigo Séllos, ganhador do Festival de Brasília de 2020, não teve espaço em circuito, mas encontra lugar no Curta!On

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Já tem data para o É Tudo Verdade, a maior (e mais politizada) vitrine de não ficção da América Latina: sua 31ª edição vai de 9 a 19 de abril. É o período do ano em que os holofotes em torno das narrativas documentais reluzem mais fortes, abrangendo também as fronteiras online, nas plataformas digitais. É o tempo ideal para a Netflix, a Prime Video e etcétera despejar pérolas documentais em suas programações. Na atual configuração do streaming brasileiro, um filme se impõe como atração obrigatória e está no Curta!On, disponível a seus assinantes: “Por onde anda Makunaíma?”. A direção (das mais arrojadas) é de Rodrigo Séllos. É uma produção egressa de Roraima, com 84 minutos de afirmação de identidade na veia, em um estudo sobre os mitos que fundam a Pangeia latina, a partir do legado das populações indígenas.

Seu prestígio vem de sua vitória no Festival de Brasília, em 2020, de onde saiu com o prêmio principal. Nunca estreou comercialmente, pela dificuldade de nosso circuito em lidar com experiências narrativas de baixo orçamento, mas virou um objeto de culto.

Sua presença no Curta!On coincide com uma nova versão para as telas do livro de Mário de Andrade (1893-1945): “Makunaíma XXI”, de Zahy Tentebar e Felipe M. Bragança. Um astro francês de prestígio, Denis Lavant, está nesse elenco. Sua realização, ainda em processo, prova o quanto aquele romance segue vive. A forma



A consagrada adaptação de Joaquim Pedro de Andrade com Grande Otelo é retomada por Rodrigo Séllos

“Aquela força de ‘Macunaíma’ foi uma resposta a um tempo terrível. Talvez esteja para aparecer uma outra resposta de força artística diante desse horror que está se configurando desses tempos politicamente... vergonhosos”

RODRIGO SÉLLOS

como Séllos o esmiúça sob a lupa da História é mesmerizante.

Centrada na herança mítica dos povos fundadores, a investigação semiótica de Séllos é uma universidade de múltiplos saberes, concentrados no estudo da figura de Makunaíma – mais lembrado pela avassaladora prosa marioandradiana, na qual o nome do personagem se escreve com “c” e não com “k” – como uma síntese da brasilidade em sua concepção mais revolucionária, desbundada, tropicalista. Ao longo de sua narrativa, a plateia entra numa imersão em conceitos de Antropologia, Cinema Moderno, Teatro e Geopolítica, sempre a partir de um debate sobre os movimentos de vanguarda da arte. Uma frase do hoje nonagenário produtor Luiz Carlos Barreto, responsável pelo sucesso de bilheteria “Dona Flor e Seus Dois Maridos” (1976), serve como um farol para esta narrativa de uma convulsiva (e, também, reflexiva) montagem: “O Brasil se perderá definitivamente

na hora que renegar Macunaíma”.

Pautado em um roteiro sólido como rocha, construído a partir de uma estrutura assinada por Juliana Colares (alimentada por uma pesquisa feita por ela e Klaus Schmaelter), o filme de Séllos parte do registro de Makunaíma como sendo um mito para povos da triplíce fronteira Brasil-Venezuela-Guiana, registrado em livro pela primeira vez no início dos anos de 1910, pelo etnólogo alemão Koch-Grünberg. É ele quem faz a ponte entre o extremo norte da América do Sul com o Brasil, por meio de Mário de Andrade.

Partindo de um rastreio etnográfico e de uma atomização da rapsódia andradiana, o cineasta engata um voo pelo Cinema Novo, para fazer a geologia das cordilheiras semióticas que o realizador Joaquim Pedro de Andrade (1932-1988) erigiu ao levar Macunaíma às telas, em 1969, com Grande Otelo (1915-1993) e Paulo José (1937-2021). Este tem uma delicada aparição no .doc, em meio a

depoimentos analísticos de Heloísa Buarque de Hollanda e Hernani Hefner. Igualmente delicada é a fala de Antunes Filho (1929-2019) sobre a versão do Herói Sem Caráter para os palcos, questionando a repressão contra o espetáculo. Repressão, aliás, é uma das palavras mais revisitadas (e espatifadas) por Séllos, em especial num desabafo do ator Cacá Carvalho (parceiro de Otelo no filme “Exu-Piá”, outra releitura do personagem) a dizer: “Aquela força de ‘Macunaíma’ foi uma resposta a um tempo terrível. Talvez esteja para aparecer uma outra resposta de força artística diante desse horror que está se configurando desses tempos politicamente... vergonhosos”.

Entrando no Curta!On para buscar o longa de Séllos, aproveita e se delicia com as joias que estão ali. Ensaaios documentais sobre rituais do samba que mobilizaram festivais brasileiros nos anos 2000 hoje se depositam nas estantes virtuais desse streaming, fazendo dele uma Marquês da Sapucaí na strea-

minguesfera. O melhor exemplo é “Cartola – Música Para Os Olhos” (2006), da dupla pernambucana Lírío Ferreira e Hilton Lacerda. Seguem a mesma toada retratista “Candeia” (2018), de Luiz Antonio Pilar, e “Lupicínio Rodrigues: Confissões De Um Sofredor” (2023), de Alfredo Manevy. Outro golaço do www.curtaon.com.br é “Damas do Samba” (2015), de Susanna Lira, com relatos de Alcione, Beth Carvalho, Tia Surica, Rosa Magalhães, Leci Brandão, Nilcemar Nogueira, Ivone Lara, Marienne de Castro.

Num terreno da inclusão, o Curta!On celebra a força da educação como motor do humanismo ao escalar “Atravessa a vida” (2021), de João Jardim. O longa acompanhou o cotidiano de uma turma do 3º ano, no interior do Sergipe, que se preparava para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 17 de janeiro de 2021. O documentário mergulha no universo escolar e adolescente dos jovens de Simão Dias, cidade de 40 mil habitantes no interior sergipano. O Centro de Excelência Dr. Milton DORTAS, escola com cerca de mil alunos, representa um recorte das dificuldades na educação brasileira. Enquanto buscam o sonho de garantir um ensino superior gratuito, os alunos refletem temas urgentes - dentro e fora de sala de aula - como futuro, depressão, aborto, pena de morte e Ditadura Militar.

CRÍTICA LIVRO | OS ANOS

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Uma leitura lenta,
outra breve

Comecei a ler “Os anos” (Fósforo, R\$ 75,90), de Annie Ernaux em 2022. Ainda não acabei. Prezo particularmente dois dos direitos inalienáveis do leitor, segundo Daniel Pennac: não ter a obrigação de terminar um livro e pular os trechos que bem entender. Li diversos livros de Ernaux, rapidamente. Todos curtos, tudo dentro da classificação de “autoficção”. “Os Anos” é diferente. Sorvo aos pouquinhos, reflito, deixo ao lado da cama. Tem muito de sua trajetória, claro, porém, é um livro planejado, daqueles que dão trabalho ao autor.

Não que a nobelizada Ernaux seja relapsa nas digressões em torno de sua vivência. Ao contrário, a autoficção permite ao autor manter-se à parte do leitor, colocar sua experiência sem admitir o personalismo. Onde, afinal, começa o universo fictício, onde se localizam as memórias, o testemunho, a admissão?

“Os anos” se investe de mais universalidade para relatar não somente as experiências da autora, mas as transformações da sociedade



Fotos Divulgação

Em “Os Anos”, de Annie Ernaux, é difícil discernir onde começa o universo fictício

francesa no pós-guerra. O uso da primeira pessoa do plural para apresentar os acontecimentos concede uma voz abrangente ao narrador, mas não o aproxima do leitor. “Nós” distancia quem lê de quem conta a história, ainda que, simultaneamente, reivindique a legitimidade

de falar por um grupo geracional da infância à maturidade. Em alguns momentos, “nós” são as crianças que mostram suas prendas, recitando ou cantando, para o grupo de adultos. Adiante, o pronome pode ser abandonado para relatar episódios particulares, geralmente tendo como

protagonista uma mulher. “Nós” vai então representar os que descobrem a liberdade de viver depois de uma infância temerosa da morte iminente durante a guerra na Europa. Penicilina, anticoncepcionais oferecem experiências que obedecem apenas às vontades individuais, quando

acaba a época em que a vergonha “era uma assombração na vida das mulheres”, cujas histórias de amor, até chegar o casamento, “aconteciam escondidas do controle e julgamento dos outros”.

Ernaux tinha mais de 60 anos quando lançou “Os anos”, depois de outros curtos livros autobiográficos, ainda engatinhando na autoficção, que hoje, em época de imensa autoexposição pessoal, ganhou diversos praticantes.

Foi assim que classificaram o primeiro e premiado livro do francês Anthony Passeron, “Os Meninos Adormecidos” (Fósforo, R\$ 65,90), que entrelaça os avanços da medicina no tratamento da Aids com as recordações de seu boêmio e dependente químico tio Desiré, abordando ainda a marginalização dos infectados nos anos 1980. Na pequena cidade onde moravam, a Aids se espalha entre os grupos de jovens permanentemente drogados, os “meninos” do título. O charmoso Desiré casa-se com outra soropositiva. Depois da morte do casal, a filhinha também padece com Aids até falecer, criança. Ainda que melancólico, Passeron aponta um futuro melhor no enfrentamento do desconhecido – sejam vírus ou problema sociais.

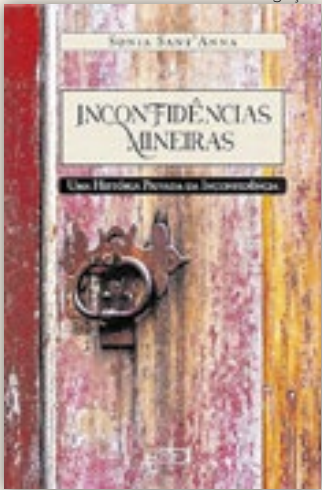
Já Annie Ernaux, na maturidade, inicia “Os Anos” afirmando: “Todas as imagens vão desaparecer”. Na conclusão, ela sofre com a finitude das recordações, admitindo o quanto gostaria de “salvar alguma coisa deste tempo no qual nunca mais estaremos”.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

INCONFIDÊNCIAS MINEIRAS

Este romance histórico com um carinho de família ganha nova edição revista pela autora Sonia Sant’Anna, descendente direta de Iria, irmã mais moça de Bárbara Heliadora. Mulher à frente de seu tempo, Bárbara viveu maritalmente com o inconfidente Alvarenga Peixoto antes de se casarem e deixou uma consistente obra poética. Foi ainda a primeira mulher a participar de um movimento revolucionário, posicionando-se contra os impostos cobrados por Portugal pela retirada de minério de Minas Gerais. As histórias dos outros inconfidentes, entre eles o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o poeta Tomás Antônio Gonzaga, também são contadas pela ótica das irmãs. (Ibis Libris, R\$ 50)



Divulgação

TUDO VAI FICAR BEM

A recomposição de uma família formada por mãe, filha, netas e padrasto pode ter formatos inesperados para quem sobrevive à matriarca, que padece de uma longa enfermidade. A filha, Lila, autora de um livro sobre a manutenção de um casamento sólido, é abandonada pelo marido logo após o lançamento. Seu pai biológico reaparece depois de trinta anos, querendo reatar os laços com o grupo. Enquanto as netas se aproximam do avô, o padrasto de Lila, hospedado na casa delas, decide reformar o jardim e fortalecer sua posição na família. A obra da veterana Jojo Moyes, dá um novo alento à chick lit, com humor, melancolia e uma reinterpretação da felicidade perene. (Intrínseca, R\$ 64,90)



Divulgação

OS AFOGADOS E OS SOBREVIVENTES

Questionamentos sobre a falta de reação dos judeus diante de processos injustos ou circunstanciais que levariam ao extermínio de cerca de seis milhões de pessoas tendo como base sua etnia, na Segunda Guerra Mundial, estruturam a obra de Primo Levi. Por que não houve fugas ou rebeliões nos campos de concentração, apenas os nazistas devem ser considerados culpados pela perseguição aos judeus ou a intolerância é parte da humanidade, indaga Levi, ele próprio levado para Auschwitz, em 1944. Uma atemporal reflexão sobre a barbárie, que ganha nova edição em uma época de intensas conturbações sociais. (Paz e Terra, R\$ 53,90).



vemviver + cultura

Iniciativas para aplaudir de pé e pedir bis.
Como o maior acelerador de cultura do estado, o Sesc RJ incentiva os artistas e o público por meio de uma programação variada: são shows, espetáculos de teatro, dança e circo, exposições, exhibições de filmes, atividades literárias, cursos, oficinas e muito mais. O Sesc inspira cultura, e a cultura inspira você. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sescrj.org.br/cultura
▶ portalsescrj @ sescrj f sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

O lado saboroso da *cozinha sem carne*



Lília Bistrô



Puli Trattoria

Do hambúrguer vegetal às massas e pizzas, o cogumelo ganha espaço nos menus para o Dia Mundial Sem Carne

Com sabor profundo, textura marcante e versatilidade na cozinha, os cogumelos vêm ganhando cada vez mais espaço nos cardápios contemporâneos. No embalo do Dia Mundial Sem Carne, celebrado nesta sexta-feira (20), os restaurantes reforçam o potencial desse ingrediente como protagonista de pratos criativos e cheios de personalidade. De hambúrgueres vegetais suculentos a massas delicadas, passando por pizzas, risotos e preparações em que o cogumelo aparece simplesmente grelhado ou salteado, além de variedades como shiitake e shimeji, que mostram que é possível construir sabores intensos sem recorrer à proteína animal. Confira abaixo o roteiro que o Correio da Manhã preparou para você:



Páreo



RaizNutéla



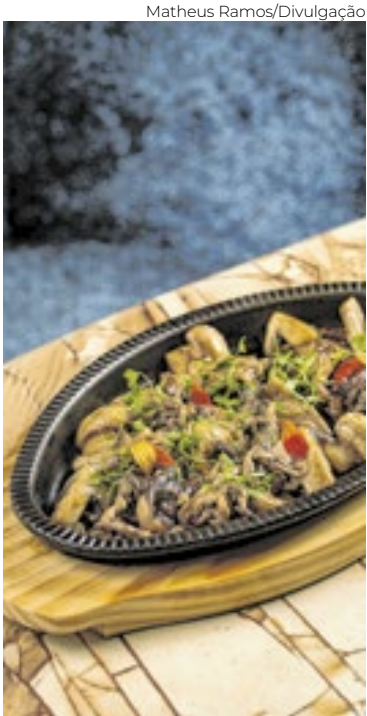
Rudã



Sult



Mamma Jamma



Giappo

GIAPPO - O cenário gastronômico carioca ganha um novo e sofisticado capítulo com a inauguração da casa. Localizado no Jockey, o restaurante apresenta o menu italianíssimo interpretado pelo chef Nao Hara. Entre os pratos está o mix de cogumelos feito na chapa com ervas e azeite (R\$ 60). Av. Rodrigo Otávio, 3200 – Gávea. Tel: (21) 97349-6005.

LILIA BISTRÔ - O prato principal de risoto de cogumelo, arroz pérola, cogumelo paris, rúcula selvagem, brócolis e ricota do bistrô, localizado no mezanino do térreo do CCBB, é uma das estrelas do menu executivo a R\$ 98 (com direito também a couvert, entrada e sobremesa) do chef Gabriel Pinho. Rua Primeiro de Março, 66 Centro. (21) 2151-5470.

MAMMA JAMMA - Na pizzaria o cogumelo aparece no Gnocchi Con Filetto e Funghi (R\$ 69,50), um Gnocchi de batata com cubos de mignon, mix de cogumelos e azeite trufado. Endereço: Botafogo Praia Shopping – Praia de Botafogo, 400 - 5º andar – Botafogo. Informações: @mammapizzeria.

SULT - Conhecida entradinha do restaurante italiano, o Cogumelos “Cacio & Pepe” (R\$83). Cogumelos orgânicos grelhados servidos com fonduta de grana padano e pecorino romano, finalizados com pimenta-preta. O prato é uma reverência ao clássico da região do Lazio, o spaghetti cacio & pepe (do italiano, “queijo e pimenta”). Acompanha focaccia João Padeiro & Co. Endereço: Rua Fernandes Guimarães,

77 – Botafogo. Tel: (21) 96910-1375.

PÁREO - No restaurante, localizado dentro do Jockey Club, o cogumelo aparece na Pizza Grande Prêmio (R\$ 78). Ela leva mozzarella de búfala, shitake refogado no vinho e parmesão. Rua Mário Ribeiro, 410 / Jockey Club Brasileiro. Tel: (21) 99843-8813.

PULI TRATTORIA - A Trattoria, na Gávea, oferece o Rigatone Crocante (R\$ 35), recheado de cogumelos salteados e queijo mozzarella, com aioli de páprica. Outra opção é o Gnocchi Doratti (R\$ 82), preparado com nhoque de batata e parmesão selado, cogumelos salteados, fonduta de parmesão e pangrattato, finalizado no forno de pizza. Endereço: Rua Marquês de São

Vicente, 90 (Villa 90) – Gávea. Tel: (21) 3851-7373.

RAIZNUTÉLA - Com cardápio assinado pelo chef Bruno Magalhães, o bar traz o Burguer Nutéla (R\$ 42,90), preparado com blend premium, cogumelos trufados e fonduta de queijo no pão de brioche. Rua dona Zulmira, 130 - Maracanã. Tel: (21) 99659-7603.

RUDÃ - No restaurante, em Ipanema, um dos pratos criados pelo chef Danilo Parah é o Cogumelo grelhado e abóbora cabotiá (R\$ 85,00) purê de abóbora defumada, fonduta de queijo Pardinho, cogumelos Portobello e farofinha de pão. Rua Garcia d’Ávila, 118 – Ipanema. WhatsApp: (21) 98385-7051.

Cia. de Cantores Líricos já se apresentou em Ceilândia e chega agora à Escola de Música

Por Mayariane Castro

A Cia. de Cantores Líricos de Brasília apresenta a ópera Adriana Lecouvreur, de Francesco Cilea, em temporada no Distrito Federal. Após recitais realizados nos dias 14 e 15 de março, no Teatro Newton Rossi, no SESC Ceilândia, o espetáculo segue para o Teatro Levino de Alcântara, na Escola de Música de Brasília, com apresentações marcadas para os dias 21 e 22. O projeto conta com financiamento do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC).

A montagem reúne orquestra com 24 músicos, coro e solistas, sob regência do maestro Felipe Ayala e direção cênica de James Fensterseifer.

Esta é a primeira vez que a companhia apresenta a obra, considerada parte do repertório verista italiano.

O espetáculo tem duração aproximada de duas horas e é apresentado em versão adaptada.

Inspirações

A narrativa acompanha a atriz Adriana Lecouvreur, interpretada pela soprano Renata Dourado, e a Princesa de Bouillon, vivida por Erika Kallina, que

A ópera percorre o Quadradinho

Divulgação



A companhia tenta popularizar a ópera, levando-a a vários teatros

disputam o amor de Maurizio da Saxônia, personagem do tenor Rafael Ribeiro.

A trama se desenvolve a partir do conflito entre as duas personagens e culmina em desfecho trágico.

O enredo aborda relações de poder, expressão artística e disputas afetivas. A protagonista é apresentada como uma artista que atua no teatro e constrói sua trajetória no palco, enquanto a rival representa uma figura ligada à estrutura

social aristocrática. A oposição entre as personagens conduz o desenvolvimento dramático da obra.

A ópera tem libreto de Arturo Colautti, baseado em texto de Eugène Scribe e Ernest-Wilfrid Legouvê. A história é inspirada na atriz francesa Adrienne Lecouvreur, que viveu no século 18. Segundo a produção, a escolha da obra para o período de março dialoga com a programação do Mês da Mulher.

Sobre a obra

A encenação propõe uma ambientação que alterna dois espaços: os bastidores de um teatro e uma casa de campo. A proposta cênica busca evidenciar contrastes entre a vida pública dos personagens e seus conflitos pessoais. O cenário é assinado por James Fensterseifer e os figurinos por Stéphanie Dourado.

A montagem transporta a narrativa original para a década de 1920. A adaptação estética remete ao período conhecido

como “anos loucos”, com referências visuais associadas à época. Os figurinos incorporam elementos característicos desse contexto, mantendo aspectos da ambientação histórica da obra.

A trilha musical segue a tradição do verismo, com foco na expressividade dos personagens e na intensidade dramática. A estrutura da ópera combina momentos de leveza, associados às cenas da trupe teatral, com passagens de maior densidade emocional, centradas na protagonista.

Companhia forma público para o gênero

Para popularizar o canto lírico, grupo usa coro com pessoas da comunidade

Fundada em 2014, a Cia. de Cantores Líricos de Brasília atua na produção de óperas, concertos e musicais de diversos estilos.

O grupo foi criado pela soprano Renata Dourado e pelo barítono Gustavo Rocha. A companhia reúne cantores profissionais e mantém um coro com participação de integrantes da comunidade, o que ajuda no esforço para popularizar o gênero.

Ao longo de sua trajetória, o grupo apresentou obras do repertório operístico internacional, como “Carmen”, “As Bodas de Fígaro”, “L'elisir d'amore” e “João e Maria”.

Além das produções cênicas, desenvolve atividades voltadas à formação de público, com apresentações em escolas públicas do Distrito Federal. A atual temporada integra esse conjunto de ações voltadas à difusão da ópera na capital. As apresentações ocorrem

em espaços culturais públicos e buscam ampliar o acesso do público ao gênero, que tem presença pontual na programação local.

Adrienne Lecouvreur foi uma atriz francesa do século 18, reconhecida por sua atuação na Comédie-Française, uma das principais instituições teatrais da França. Nascida em 1692, destacou-se por introduzir um estilo de interpretação mais naturalista em um período marcado por declamações formais.

Sua atuação buscava maior proximidade com a fala cotidiana, o que contribuiu para mudanças na forma de representar personagens no teatro francês.

Ao longo de sua carreira, Adrienne consolidou-se como uma das principais intérpretes de tragédias clássicas, com destaque para papéis em obras de autores como Pierre Corneille e Jean



Divulgação

Adrienne Lecouvreur morreu em 1730 em condições misteriosas

Racine. Sua presença nos palcos foi acompanhada por reconhecimento do público e também por envolvimento em círculos sociais influentes da época. A atriz manteve relações com figuras da aristocracia, o que ampliou sua visibilidade fora do ambiente teatral.

Adrienne

Adrienne Lecouvreur morreu em 1730, em circunstâncias que geraram especulações à época. Por não ter recebido ritos funerários oficiais da Igreja, foi sepultada sem cerimônia religiosa formal, o que provocou repercussão no meio artístico e intelectual francês.

Sua trajetória permaneceu como referência histórica e inspirou diferentes obras posteriores, incluindo a peça teatral que deu origem ao libreto da ópera apresentada pela companhia brasileira.

SEXTOU! UM DF DE

SHOW

Mellody faz show de graça
*O Lago Paranoá será palco, no dia 22 de março, de um evento que reúne música, lazer e atividades náuticas ao longo de 12 horas de programação. O Farra Cultural começa ao meio-dia e deve atrair o público do Distrito Federal para uma agenda com shows, DJs, churrasco e encontro de lanchas e jetskis na beira do lago. A iniciativa conta com fomento da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (Secec-DF). Entre os nomes confirmados está a cantora Melody, que se apresenta de graça em Brasília, e é responsável por um dos sucessos do Carnaval de 2026, a música “Jetski”. A programação também prevê apresentações do DJ Calixto, do grupo Benza-deus e de convidados.

Mestre João Gilberto
*O Clube do Choro de Brasília recebe, no dia 20 de março, às 20h30, show em tributo a João Gilberto com Fred Martins e Jaques Morelenbaum. A dupla apresenta repertório com clássicos de Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Chico Buarque e outros autores consagrados pela voz do mestre da bossa nova, além de composições autorais. O projeto, criado em 2019 em Lisboa, já percorreu países da Europa, África e Américas. Morelenbaum é referência internacional no violoncelo, enquanto Fred Martins se destaca como compositor premiado, com obras gravadas.

FESTIVAL

Reggae Rock Chili
*Brasília recebe, no dia 11 de abril, a festa Reggae Rock Chili, no Clube Ascade. O evento reúne atrações de rock e reggae, com destaque para a banda Cidade Roots, formada por Da Ghama (ex-Cidade Negra), Bruno Dourado e Kiko Peres (Natruts), com participação de Marcelo Vourakis (Maskavo). O show marca o lançamento nacional do projeto, que homenageia o reggae brasileiro e clássicos jamaicanos. A programação inclui ainda a banda On7, com repertório de rock nacional e internacional, além dos DJs Serginho Maiden, Maraskin e Chicco Aquino, que comandam os intervalos.

Festival Samba DF
*Ceilândia recebe, no dia 21 de



Mellody faz show de graça, em Brasília

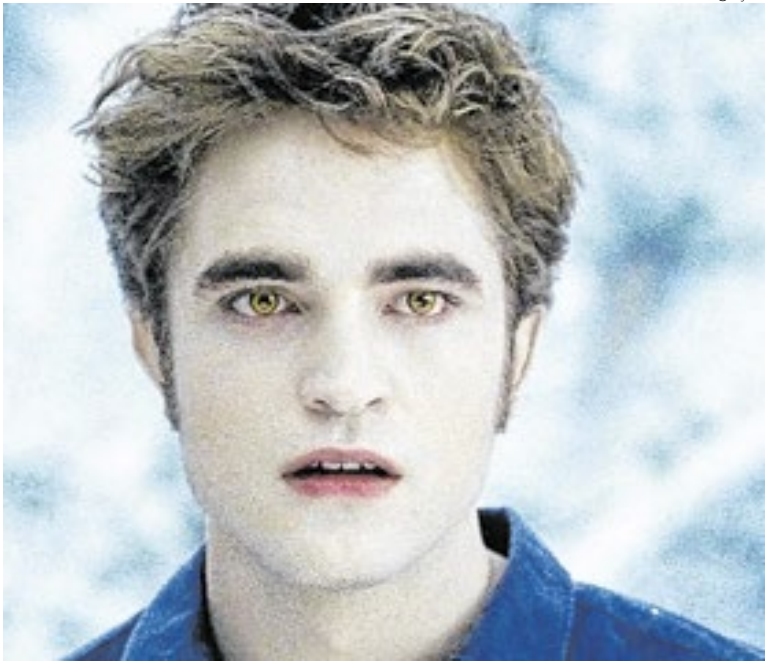


Clube do Choro de Brasília recebe show

março, o Festival Samba DF, em alusão ao Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial. O evento valoriza o samba local ao reunir arte, militância e economia criativa, com foco em representatividade racial, de gênero e diversidade. A programação inclui rodas com Samba Pagode Cultura e Futebol e Samba do Guariba, além de artistas convidados. Um chamamento público selecionará cinco atrações locais. A festa começa às 12h, com gastronomia e feira de artesanato, e segue até o show de encerramento às 22h.

CINEMA

Cine Brasília: “Crepúsculo”
*Fenômeno que marcou toda uma geração em 2008, Crepúsculo retorna aos cinemas em um relançamento especial que celebra os 20 anos da saga de livros criada por Stephenie Meyer. E o Cine Brasília entra no clima vampiresco a partir da próxima segunda-feira, 23, quando acontece a primeira sessão do filme, às 16h20. O retorno do filme à grande tela vem como um presente para o público, que poderá reviver o romance que transformou a



Crepúsculo é relançado nos cinemas

franquia em um dos maiores sucessos da cultura pop dos anos 2000.

Lobo Fest
*O Lobo Fest realiza, até o dia 20 de março, sua 17ª edição na Escola Classe 01 do Riacho Fundo. Em formato especial, o festival promove a integração entre cinema, educação e comunidade, com sessões infantojuvenis, mostra competitiva de curtas nacionais e atividades abertas ao público. A iniciativa reforça a democratização do acesso à cultura e a formação de público no DF. A entrada é gratuita.

Mostra Todd Haynes
*A Mostra Todd Haynes no CCBB Brasília chega ao último fim de semana, até domingo (22), com sessões gratuitas e debate sobre o cinema queer contemporâneo. A programação inclui filmes do diretor, como “Velvet Goldmine” e “Não Estou Lá”, além de obras convidadas e encontro com especialistas.

TEATO

“O Encontro”
*O Taguaparque, em Taguatinga, recebe nos dias 3 e 4 de abril, às 19h, o espetáculo

Festival internacional de cinema **abre inscrições**

BIFF começa no dia 29 de abril, com entrada gratuita

Por Mayariane Castro

O BIFF – Brasília International Film Festival – retorna ao calendário cultural do Distrito Federal com edição prevista entre os dias 29 de abril e 3 de maio, no Cine Brasília. O evento terá programação gratuita, com exibição de filmes nacionais e internacionais, além de atividades voltadas ao setor audiovisual. As inscrições para as mostras competitivas estão abertas e se encerram em 20 de março.

Podem participar longas-metragens produzidos em 2025 e 2026, dirigidos por cineastas em até o terceiro filme. As inscrições podem ser feitas pelo site oficial do festival ou pela plataforma FilmFreeway. A seleção será dividida em duas categorias: Mostra Competitiva de Longas-Metragens, com cinco obras escolhidas, e BIFF Junior, voltada ao público jovem, com três produções selecionadas.



Paulo H. Carvalho/Agência Brasília

O tradicional Cine Brasília será o palco do BIFF

O festival será realizado no Cine Brasília, espaço tradicional de exibição cinematográfica na capital federal.

A programação inclui sessões abertas ao público e atividades destinadas a convidados, como

debates e encontros profissionais. A proposta do evento é promover a circulação de produções que não integram o circuito comercial e ampliar o acesso a diferentes cinematografias.

Segundo a direção do festival,

a retomada ocorre em um contexto de maior visibilidade do cinema brasileiro no exterior. A organização aponta que o evento mantém o foco em produções independentes e no intercâmbio entre diferentes países, além de

atuar na formação de público.

“No ano em que o Brasil faz história em Cannes e volta a concorrer ao Oscar, o BIFF retorna como um festival que sempre foi uma vitrine para a produção independente e que olha para o cinema que fala todas as línguas”, afirma.

Legado em cena

Um dos destaques da edição de 2026 será a homenagem à produtora Gullane, fundada em 1996 pelos irmãos Caio Gullane e Fabiano Gullane, com participação de Débora Ivanov. A empresa acumula 58 longas-metragens e 53 séries produzidas para televisão e plataformas digitais, com presença em festivais e premiações internacionais.

Entre os títulos produzidos pela Gullane estão “Carandiru”, “Bicho de Sete Cabeças”, “O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias”, “Até que a Sorte nos Separe”, “Que Horas Ela Volta?”, “Como Nossos Pais” e “Bingo – O Rei das Manhãs”. Na televisão e no streaming, a produtora assinou séries como “Senna” e “As Five”.

Ao longo de sua trajetória, a Gullane soma mais de 500 prêmios e participações em eventos como Oscar, Cannes, Veneza, Berlim e Sundance.

Público jovem também em disputa

BIFF Junior visa produções cinematográficas nacionais e internacionais dedicadas à garotada

Além dos filmes da mostra competitiva, a programação inclui sessões especiais com filmes do catálogo da produtora homenageada.

Entre os títulos exibidos estão “O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias” (2006), dirigido por Cao Hamburger; “Que Horas Ela Volta?” (2015), dirigido por Anna Muylaert; e “Arca de Noé” (2024), dirigido por Sergio Machado e Alois Di Leo. As obras abordam temas como relações familiares, contexto social e narrativas voltadas ao público

infantojuvenil, caso de Arca de Noé, um desenho animado.

Encontro dos Festivais

Outra atividade prevista é o Encontro dos Festivais, realizado em parceria com o Fórum dos Festivais. A iniciativa reunirá realizadores, curadores e representantes de eventos audiovisuais de diferentes regiões do país. O objetivo é discutir políticas culturais, estratégias de circulação de filmes e formas de cooperação entre festivais. Criado com foco na exibição de cinema internacio-

nal, o BIFF retoma suas atividades com programação diversificada e ações voltadas à formação de público, ao intercâmbio cultural e ao fortalecimento do setor audiovisual no Distrito Federal.

A edição de 2026 também contará com parceria com a Mostra Competitiva de Cinema Negro Adelia Sampaio. A colaboração busca ampliar a circulação de obras e fortalecer iniciativas voltadas à diversidade no audiovisual. A proposta inclui o intercâmbio de produções e a valorização de narrativas ligadas ao cinema negro.

A curadoria do BIFF Junior ficará a cargo do ator e influenciador Theo Medon. É voltada ao público jovem, com produções nacionais e internacionais.



Divulgação

Arca de Noé: um dos filmes da Gullane que será exibido



O Lolla é pop!

A 13ª edição do **Lollapalooza Brasil** tem início **nesta sexta (20)** em São Paulo em versão **menos roqueira** que nos anos anteriores. **Sabrina Carpenter (foto)** é uma das principais atrações. Pág. 2